



# 3ª formação em educação e agroecologia: ressignificando agroecologia enquanto ciência, prática, movimento e diálogo de saberes

JAILTON SILVA REIS  
CAROLINA SANTOS MENEZES  
KARINA ARAÚJO DE NOVAES  
AIDRAIANE FERREIRA DOS SANTOS  
LANNA CECÍLIA LIMA DE OLIVEIRA

3rd training in education and agroecology:  
resignifying agroecology as science, practice,  
movement and dialogue of knowledge

## 3ª formação em educação e agroecologia: ressignificando agroecologia enquanto ciência, prática, movimento e diálogo de saberes

3rd training in education and agroecology: resignifying agroecology as science, practice, movement and dialogue of knowledge

**PALAVRAS-CHAVE**  
CIÊNCIA.  
CONHECIMENTOS  
TRADICIONAIS.  
COLETIVO. MOVIMENTO  
SOCIAL.

**KEYWORDS**  
SCIENCE. TRADITIONAL  
KNOWLEDGE.  
COLLECTIVE. SOCIAL  
MOVEMENT.

**RESUMO** O presente trabalho pretende elucidar e refletir sobre as experiências e vivências do III Curso de Formação em Educação e Agroecologia cuja metodologia foi inspirada no método Josué de Castro com a divisão de Núcleos de Base (NBs), bem como, organizado e dividido para acontecer em quatro módulos que propiciaram discussões ímpares (re)afirmando agroecologia enquanto ciência, movimento, prática e diálogo de saberes a partir das diferentes óticas de professores, estudantes, camponeses, movimentos sociais, etc. Mediante o contexto vivenciado, fazendo referência a Covid 19, a formação que ocorreu no ano de 2022 se deu em parte de forma remota assíncrona e síncrona, através de aplicativos que possibilitou a realização como também abranger pessoas da Bahia e de outros estados, tornando assim um debate mais amplo e enriquecedor cujo tema se faz extremamente necessário na realidade que estamos vivendo, alcançando e cumprindo o desejo que aguçou a criação das formações em educação e agroecologia no grupo DOCFORM, tendo feito a sua 3ª edição, e assim como as que antecederam, teve uma grande procura, sendo preenchida todas as vagas, tendo como resultado a real disseminação da agroecologia enquanto projeto de sociedade nos mais diversos espaços.

**ABSTRACT** The present work intends to elucidate and reflect on the experiences of the III Training Course in Education and Agroecology whose methodology was inspired by the Josué de Castro method with the division of Base Nuclei (NBs), as well as, organized and divided to happen in four modules that provided unique discussions (re)affirming agroecology as a science, movement, practice and dialogue of knowledge from the different perspectives of teachers, students, peasants, social movements, etc. Due to the context experienced, referring to covid 19, the training that took place in 2022 took place in part remotely (asynchronous and synchronous/hybrid), through applications that made it possible to carry out as well as include people from Bahia and other states, thus making a broader and enriching debate whose theme is extremely necessary in the reality we are living, reaching and fulfilling the desire that sharpened the creation of training in education and agroecology in the DOCFORM group, having made its 3rd edition, and just like the ones that preceded it, there was a great demand, all vacancies being filled, resulting in the real dissemination of agroecology as a project of society in the most diverse spaces.

**JAILTON SILVA REIS** *Graduando no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Email: jreis96@aluno.ufrb.edu.br*

**CAROLINA SANTOS MENEZES** *Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela UFRB, pós-graduanda em educação pela Universidade Federal da Bahia. Email: menezescarolina589@gmail.com*

**KARINA ARAÚJO DE NOVAES** *Graduanda no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Email: karinanovaes@aluno.ufrb.edu.br*

**AIDRAIANE FERREIRA DOS SANTOS** *Mestre em Educação do Campo – UFRB. Movimento Estadual de Trabalhadores Assentados Acampados e Quilombolas (CETA). E-mail: aidraiane27@gmail.com*

**LANNA CECÍLIA LIMA DE OLIVEIRA** *Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: lannacecilia@ufrb.edu.br*

**INTRODUÇÃO** O III Curso de Formação em Educação e Agroecologia é uma ação do grupo de pesquisa Docência, Currículo e Formação (DOCFORM), que é vinculado ao Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) na cidade de Amargosa-BA. Tal grupo foi criado em 2015 e desde então vem desenvolvendo ações que buscam promover o diálogo de saberes a partir de nove linhas de pesquisas e estudos, dentre elas as linhas de pesquisa Educação em Agroecologia, Bem Viver e Práxis Decolonial, e a linha Educação no/ do Campo, Identidades, Sujeitos, Textos e Contextos, às quais a proposta de formação está vinculada.

Atualmente o grupo é composto por mais de 100 integrantes entre bolsistas e voluntários, sendo estes estudantes de graduação e pós graduação, professores(as), lideranças de movimentos sociais, tais como o Fórum de Educação do Campo do Baixo Sul da Bahia, Coletivo Étnico Cultural Patrimônio Guerém, Orobó Potências, Movimento Estadual de Trabalhadores Assentados Acampados e Quilombolas (CETA), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), Organizações Quilombolas, entre outros.

A exemplo de ações desenvolvidas pelo DOCFORM pode-se citar o Ciclo Formativo de Educação do Campo do Baixo Sul: resistir e esperar, desenvolvido em 2021, em parceria com o Fórum de Educação do Campo do Baixo Sul; A formação docente: desafios e possibilidades do fazer pedagógico à luz da lei 11. 645/2008 no contexto do Distrito Guerém, Valença-BA, pensada em parceria com o Coletivo Étnico Cultural Patrimônio Guerém, também em 2021; e o Curso de Formação em Agroecologia, que teve sua primeira edição em 2020, a segunda edição em 2021 e chegou a 2022 com a terceira edição, sobre a qual nos debruçamos a detalhar a seguir, bem como a quarta edição em 2023 que está vinculada às pré-jornadas de agroecologia juntamente com a Teia

dos Povos da Bahia, prevista para acontecer nos territórios de Reforma Agrária, território Quilombola, território de Pescadores Artesanais, território Indígena e a última contemplando a Educação do Campo que foi o primeiro coletivo da Bahia a organizar e realizar uma pré-jornada, prevista para acontecer no Vale do Jiquiriçá.

O curso de Formação em Educação e Agroecologia foi criado a partir de uma necessidade apontada pelos discentes da Licenciatura em Educação do Campo-Ciências Agrárias, em tecer o diálogo da educação em agroecologia para além do espaço da universidade, envolvendo movimentos sociais, discentes, docentes e outros atores sociais. Nesse sentido, busca-se superar a idéia reducionista que se tem de agroecologia, afirmando assim, que ultrapassa o conceito de apenas um meio de produção agrícola, mas é considerada como um modo de vida. A realização do curso, buscou desmistificar a confusão existente no uso do termo Agroecologia, gerando interpretações conceituais que, em muitos casos, prejudicam o entendimento da Agroecologia como ciência que estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável considerando a sociedade como um todo (CAPORAL 2004).

A terceira edição, da qual é objeto do presente trabalho, foi contemplada pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e contou com a parceria do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento Estadual de Trabalhadores Assentados Acampados e Quilombolas (CETA), o Fórum de Educação do Campo do Baixo Sul da Bahia, Coletivo Étnico Cultural Patrimônio Guerém e Orobó Potências, que constituíram essa rede de apoio na intenção de pensar melhores estratégias de ação para alcançar os resultados almejados.

Além das parcerias, a formação se inspira metodologicamente no método Josué de Castro que resumidamente se dá na divisão igualitária de tarefas entre grupos, coletivos que aqui chamamos de Núcleos de Base (NB). Além de possuir sua própria Coordenação Político Pedagógica (CPP) formada por membros do Docform e por pessoas da formação, monitores e/ou movimentos parceiros.

Se inspira também nos princípios da Educação Popular, que traz em gênese uma histórica trajetória de enfrentamento ao capital. Essa perspectiva educacional firma-se como alternativa, se opondo às práticas tradicionais de educação, “[...]vinculada ao processo de organização e protagonismo dos trabalhadores do campo e da cidade, visando à transformação social” (PALUDO 2012, p. 283).

Nesse sentido, a perspectiva adotada no curso aqui apresentado, dialoga com a Educação Popular ao tempo em que estabelece “[...]o vínculo entre educação e política, educação e classe social, educação e conhecimento, educação e cultura, educação e ética, e entre educação e projeto de sociedade.” (Paludo 2012, p. 284). Reafirmando-se a todo tempo a responsabilidade política da educação, a partir da compreensão de que esta não é neutra, como nos afirma Freire (1985).

A referida edição da formação aconteceu em 2022, no período de maio a dezembro e abarcou cursistas de municípios diversos como Valença, Amargosa, Seabra, Iraquara, Teolândia, Igrapiúna, Milagres, Ipirá, Presidente Tancredo Neves, Baixa Grande, Bonito, Santa Luz, Jacobina, além de outros situados fora do estado da Bahia, como exemplo

idades dos estados de Pernambuco, Piauí, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Ceará, Rio de Janeiro, Goiás, ou seja, conseguiu alcançar um público a nível nacional.

Para facilitar a organicidade dos módulos foram criados Núcleos de Base (NB's), os quais foram acompanhados pela monitoria e esta, mantém o diálogo estimulando a partilha de saberes entre os cursistas inscritos na formação.

**OBJETIVO** O curso buscou refletir sobre educação e agroecologia numa perspectiva dialógica, a partir da organização de agentes multiplicadores da agroecologia na intenção de alcançar diferentes regiões da Bahia e do Brasil, dialogando sobre agroecologia para além da produção, mas como ciência, movimento, prática e diálogo de saberes.

Nesse sentido, buscou-se mobilizar estudantes, educadores e comunidade de modo geral a uma reflexão crítica acerca da referida temática, tendo por base a amplitude que envolve a agroecologia, e sem perder de vista as práticas vivenciadas no cotidiano dos diferentes povos.

Sendo assim, para além de propiciar uma melhor compreensão sobre a temática para os participantes da formação, o curso também objetivou promover a valorização dos saberes e práticas agroecológicas presentes nos contextos muitas vezes invisibilizados, por meio do diálogo com representações diversas.

E ainda, buscou reforçar o chamado para nós, educadores(as) do campo, para que possamos valorizar, dialogar e desenvolver práticas educativas vinculadas à agroecologia, visto que é parte do cotidiano dos estudantes do campo e precisa ser valorizado dentro dos espaços acadêmicos, sobretudo na educação básica.

**METODOLOGIA** O aporte metodológico da formação contou com a execução de quatro módulos, os quais ocorreram de forma síncrona através da plataforma do Google Meet, que contou com uma organização prévia inspirada nos princípios da Educação Popular, bem como inspirado no Método Josué de Castro a partir da divisão e distribuição dos cursistas em núcleos de base (NB). Para otimizar a administração de tarefas e sua execução da melhor forma, foi criada especialmente para a formação, uma Comissão Político Pedagógica (CPP) integrada por membros da CPP fixa do grupo de pesquisa, juntamente com representantes dos(as) monitores(as) concomitantes com representantes dos movimentos sociais parceiros.

O desenvolvimento das atividades se deu a partir de práticas formativas de modo presencial voltadas para os(as) monitores(as) sendo oferecidas pela Comissão Político Pedagógica (CPP) do grupo de pesquisa, considerando que a monitoria era composta majoritariamente por estudantes da Licenciatura em Educação do Campo de Amargosa, o que viabilizou o acontecimento de tais momentos. As práticas formativas que foram executadas de forma virtual se destinaram para os cursistas, considerando a diversidade de municípios e estados representados pelos mesmos. Tais práticas foram mediadas pela organização da monitoria em seus núcleos de base, envolvendo leitura e produção de textos na intenção de instigar a reflexão sobre os temas geradores de cada módulo em sua perspectiva de pensar a agroecologia.



**FIGURA 1 – FORMAÇÃO PRESENCIAL COM MONITORES(AS) / FONTE: SANTOS (2022)**

Importante destacar que o público que integrou cada NB foi bem diverso contemplando professores, membros de movimentos sociais, estudantes da Educação do Campo e de outros cursos, totalizando o quantitativo de 80 vagas que foram distribuídas em 6 (seis) Núcleos de Base (NBs), que são eles: NB Mandacaru, NB Girassol, NB Sementes Crioulas, NB Rosa Luxemburgo, NB Semeando Frutos e NB Umbuzeiro do Sertão, acompanhado respectivamente por 6 monitores e monitoras que passaram por formações presenciais e virtuais.

Os nomes dos NBs foram escolhidos pelos cursistas, por meio da mediação dos(as) monitores(as). Cada nome escolhido trouxe consigo significados para o coletivo que culminou também na criação das palavras de ordem (frases de efeito), mencionadas pelos(as) cursistas durante a formação.

Cada NB ficou responsável por direcionar algumas atividades em um módulo especificado previamente. Nesse sentido, a cada encontro um NB se responsabilizou por apresentar uma mística que “[...] é expressa por meio de poesias, performances, músicas, expressões corporais, palavras de ordem [...], entre outras manifestações” (Ri e Vieitez, 2004, p. 11). Além de trazer questões a partir das leituras feitas previamente para contribuir com as discussões.

Junto a isso, cada NB elaborou um texto em formato de síntese do módulo que ficou responsável. Essa síntese foi entregue no final do curso para a comissão organizadora e constituiu-se como um material importante no sentido de compreender os resultados alcançados no que tange a compreensão e percepção dos cursistas frente a tudo o que foi discutido durante a formação.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES** O principal resultado foi o diálogo de saberes com o foco na construção do conhecimento em torno da Agroecologia junto a estudantes, professores(as), atores sociais integrantes de movimentos, associações e coletivos diversos. Falar e ouvir sobre agroecologia nos leva a esperar em tempos melhores de emancipação do nosso povo do campo, das águas, das florestas, povos de comunidades tradicionais entre outros povos, em uma rede coletiva e solidária nas diversas lutas, construindo e transformando meios que possam romper com o projeto de destruição característico do sistema capitalista, a partir das trocas de saberes e da educação. Pois, de acordo com Freire (2000, p. 31) “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Para tanto, foram ofertados quatro módulos de maneira virtual pela plataforma Google Meet e transmitidos ao vivo pela plataforma digital do Youtube onde se encontram disponíveis para acesso no canal do Docform. Os módulos buscaram contribuir com a discussão sobre a Agroecologia enquanto Ciência, Prática, Movimento e Diálogo de saberes respectivamente.

Agroecologia enquanto ciência foi o tema escolhido para discussão dentro do primeiro módulo e tratou da necessidade de adentrar o espaço acadêmico entendendo a agroecologia como um novo conhecimento científico que contrapõe a ciência convencional e hegemônica, um novo modo de pensar a vida. Para tal discussão contou-se com Tábata Figueiredo, pedagoga, mestra em Educação do Campo, doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento territorial com estudos e experiências nas áreas de Educação Profissional do Campo; Educação Popular e Educação em Agroecologia. Também se fez presente as contribuições de Shirleide Alves dos Santos, docente no curso de Agroecologia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Sócia da Associação Brasileira de Agroecologia, bem como a pessoa de Silvio Porto, docente na Licenciatura em Educação do Campo-Ciências Agrárias/CFP/UFRB.

Evidenciou-se a importância dos conhecimentos tradicionais que muitas das vezes não têm o reconhecimento merecido pela ciência acadêmica sendo tratados apenas como objetos e descartando todo um contexto histórico do surgimento do fazer agroecológico, que, como Quinteiro e Baldini (2018) trazem:

O homem foi desenvolvendo técnicas de cultivo que permitissem obter recursos para otimizar a produção, como o uso do fogo, o pousio, o consórcio e a rotação de culturas nas unidades produtivas itinerantes chamadas de “roça de coivara”, “de corte e queima” ou “de toco” (Quinteiro, Baldini 2018 p. 33).

A Agroecologia enquanto movimento no segundo módulo contou com a mediação de Ana Paula, agricultora quilombola, egressa da Escola Família Agrícola de Irará, graduada em Educação do Campo-Ciências Agrárias, mestranda em Educação do Campo, Educadora na educação básica, diretora-presidente da Associação Quilombola Rural e Comunitária da Massaranduba e Adjacência, integrante do coletivo de associações Quilombola de Irará. Enquanto facilitadora esteve presente Teresa Santiago, Camponesa, Militante do CETA, bem como, a presença de Nildo Sacramento Bomfim, pescador, quilombola e militante do Movimento de Pescadores e Pescadoras (MPP).

A ênfase da agroecologia neste momento se fez a partir dos



movimentos sociais, em suas organizações sociais e práticas educativas com o olhar voltado para a contribuição da Agroecologia na formação comunitária de maneira coletiva em prol do desenvolvimento local. Nesse sentido, a agroecologia enquanto movimento, resiste ao modelo de produção convencional e dialoga com os movimentos sociais na luta pela terra e pelo território, na soberania dos usos das sementes locais, do conhecimento ancestral e na preservação da biodiversidade contrariando o modelo hegemônico capitalista de produzir.

Agroecologia enquanto prática, no terceiro módulo, contou com mediação de Roseane Rios, especialista em Educação do Campo (UFRB), mestra em Desenvolvimento Territorial (UNESP), membro do Fórum de Educação do Campo do Baixo Sul. Houve também as contribuições da facilitadora Elane Rocha Andrade, educadora técnica da organização não governamental FASE, secretária do Núcleo Recôncavo da Rede de Agroecologia Povos da Mata, integrante da rede de Agroecologia do Vale do Jequiriçá e Baixo Sul e Licencianda da Educação do Campo. Contribuições importantes também vieram do convidado a facilitador Rogério Silva Santos, Técnico em Agropecuária, atualmente em execução do Projeto Pró Semiárido de Sementes Crioulas pela Cooperativa Mista de Produção e Comercialização Camponesa da Bahia CPC-BA/MPA, Militante do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e também componente do eixo sementes Crioulas do MPA-BA, além de ser guardião da Agrobiodiversidade.

Tal momento se inundou de reflexões que evidenciaram a importância da ação coletiva em prol de uma nova sociedade que valorize o trabalho e o viver no campo, bem como as práticas existentes que vão desde o plantio em consórcio, quintais produtivos, armazenamento de sementes em garrafas pet à rotação de culturas. Tais práticas são construídas baseadas em técnicas e saberes tradicionais em que Leff (2002) afirma que tais práticas: “Incorporam princípios ecológicos e valores culturais as práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura” (Leff, 2002, p. 42).

Diálogo de saberes; conexões entre agroecologia e educação tema do terceiro módulo, contou com mediação de Lanna Cecilia Lima de Oliveira, Militante do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), docente na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC-CFP/UFRB). Enquanto facilitadores tiveram Fabrício Brito, Educador Popular e Militante do MST BA, Educador na Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho, Mestrando em Educação do Campo (UFRB) e graduado em Tecnologia em Agroecologia (UFRB). Contou-se também com a presença de Marcos Sorrentino, professor visitante PPGE/FACED/UFBA, professor sênior na USP onde coordena há mais de 30 anos o Laboratório de Educação e Política Ambiental – Oca. O enfoque principal circundou sobre a necessidade de dialogar Agroecologia e Educação na perspectiva de pensar caminhos possíveis na projeção futura da sociedade, bem como, discussões e trocas de experiências relacionadas à agroecologia na escola e a importância de estarmos lutando/reivindicando por uma educação de qualidade, contextualizada e revolucionária.

Para além das discussões e experiências adquiridas em cada módulo, o III Curso de Formação em Educação e Agroecologia proporcionou também o exercício de nossa escrita, publicação e participação em espaços e eventos importantes como na semana de integração do curso de

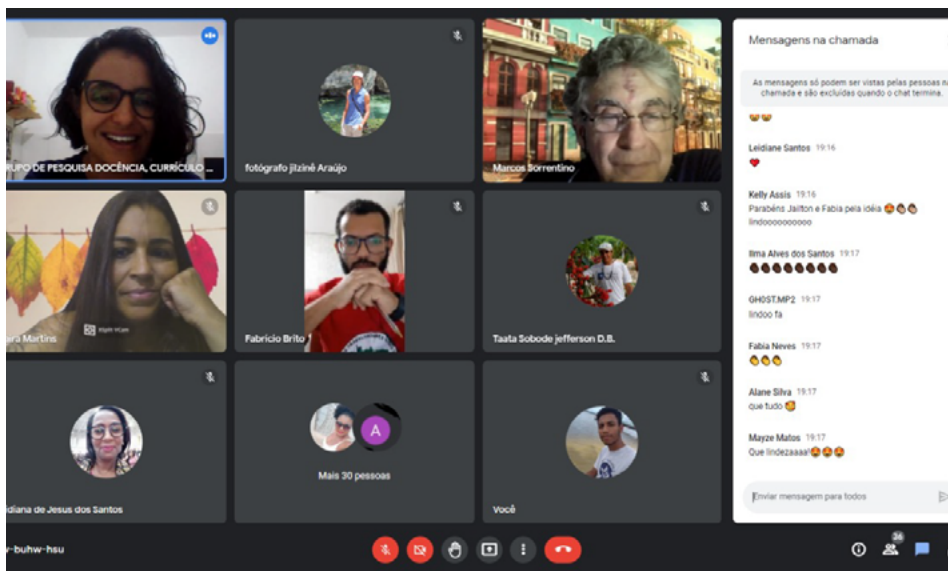


FIGURA 2 – MOMENTO SÍNCRONO DO QUARTO MÓDULO / FONTE: REIS (2022)



FIGURA 3 – APRESENTAÇÃO NA SEMANA DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO / FONTE: NOVAES (2022)



FIGURA 4 – APRESENTAÇÃO NO RECONCITEC 2022 / FONTE: MATOS (2022)



FIGURA 5 – APRESENTAÇÃO NA VII JORNADA DE AGROECOLOGIA / FONTE: MATOS (2023)

Educação do Campo, também no evento do Reconcitec no ano de 2022 o qual estavam expostos vários trabalhos sobre as mais diversas experiências de diferentes campus da UFRB onde foi apresentado um resumo sobre um dos módulos do curso. Outro espaço importante foi a VII Jornada de Agroecologia que ocorreu na comunidade Quilombola de Conceição, município de Salinas das Margaridas, em que quatro monitores(as) apresentaram três trabalhos sobre as discussões em três módulos respectivamente.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** Como resultado da experiência, consideramos que a formação em Educação e Agroecologia evidenciou o quão importante é manter práticas agroecológicas, dialogar o saber acadêmico com os conhecimentos ancestrais dos povos camponeses através de uma educação contextualizada, e a necessidade de tais abordagens estarem inseridas no currículo da escola. As leituras e diálogos com facilitadores trouxeram a importância da agroecologia enquanto ciência; a importância dos movimentos sociais populares; prática dos bancos de sementes crioulas; e sobretudo as potencialidades da relação com conhecimento empírico das comunidades.

O curso de Formação em Educação e Agroecologia nos permitiu reafirmar que é possível desenvolver atividades por meio da agroecologia, através de organização coletiva, respeitando os modos de vida, resgatando e valorizando os saberes tradicionais, por fim, que é possível construir um outro projeto de sociedade pautado nesses princípios e que não é uma pauta isolada em uma ação, município ou estado, é um diálogo, uma projeção que se estende pelo país em busca de uma outra forma de lidar com a vida onde “[...] podemos trilhar o caminho transformador da mudança do sistema social que vise o desenvolvimento humano igualitário em coevolução com os parâmetros vitais do planeta (Foster, 2015)”.

#### REFERÊNCIAS

- BALDINI, K.B.L., and QUINTEIRO, M.M.C. **Agroecologia e as práticas tradicionais: reconhecendo os saberes ancestrais**. In: SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 28-49. ISBN: 978-85-7511-485-8.
- CAPORAL F.R. COSTABEBER, J.A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 24 p. Brasília : MDA/SAF/DATER-IICA, 2004
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. P.134.
- FOSTER, J. B. **Marxismo e Ecologia: fontes comuns de uma Grande Transição**. Lutas Sociais, São Paulo, vol.19 n.35, p.80-97, jul./dez. 2015
- IJEC, Instituto de Educação Josué de Castro. **Método Pedagógico**. Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária ITERRA, Coletivo Político Pedagógico (CPP): Veranópolis, 2003.

LEFF, E. **Agroecologia e saber ambiental**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, jan-mar. 2002.

PALUDO, Conceição. Educação popular. In. **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

RI, Neusa Maria Dal; VIEITEZ, Candido Giraldez. **A educação do Movimento dos Sem-Terra: Instituto de Educação Josué de Castro**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1379-1402, Set./Dez. 2004